

O Tiro no pé

Pedro Augusto Pinho, administrador aposentado, RJ 30/05/2018



Estamos diante de um conjunto de dirigentes públicos que não são apenas entreguistas que buscam vantagens pessoais. Distantes da obrigação de servir ao povo, seu dever primeiro, estas pessoas revelam profunda ignorância mesmo nas ilhas por onde transitam.

A recente greve dos caminhoneiros foi mais um atestado da incapacidade gerencial deste golpistas (executivo, judiciário e legislativo) e da mídia que lhes dá sustentação.

Não me surpreenderia se os verdadeiros donos do Brasil os destituíssem. Imagine, caro leitor, se você fosse o dono de uma empresa e os gerentes do negócio uns trapalhões, sempre provocando a desvalorização de seu patrimônio e vendendo-o ao concorrente para lhe pagar dividendos.

Creio que poderemos ter um golpe, agora sob a condução mais competente dos órgãos especializados estrangeiros: CIA, MI6, NSA etc. Todos com especialização no Brasil.

Mas quem colocariam no governo? Quem os representaria no Brasil?

A greve foi programada para evitar as eleições de outubro de 2018, quando as forças que tradicionalmente governaram o Brasil, hoje congregadas no PSDB, DEM, PP, PSD, PPS, PV e partidos de designações religiosas, além da maioria do PMDB, não encontraram candidato capaz de ter receptividade dos eleitores para a Presidência da República e a maioria dos governos estaduais.

Havia risco de fraude eleitoral que desse vitória ao candidato do sistema financeiro internacional (banca), Henrique Meireles. Mas o mútuo desconhecimento (candidato-povo/povo-candidato) e sua distância da população poderia criar outro problema.

Raciocinemos como o empresário dos gerentes trapalhões ou como o faz a banca. Qual o objetivo principal?

Como de qualquer força – econômica, social, política, militar, religiosa – conquistar o poder e doutrinar a população a aceitá-la como inexorável, como única possibilidade, como direito divino.

A banca usa este poder para concentrar todos os ganhos da economia no sistema financeiro. Por isso, quando o prezado leitor vê o emblema da BP (British Petroleum) ou da Exxon, não está diante de uma petroleira mais de um braço de uma financeira.

A BP, ex-empresa estatal, tem em cinco financeiras seus principais acionistas: Barrow Hanley Mewhinney and Strauss, State Street Corporation, Dimensional Fund Advisors, Franklin Advisers Inc. e Wellington Management Company, a quinta maior acionista da BP.

A Exxon já foi da família Rockefeller, hoje seu principal acionista é The Vanguard Group Inc. Uma empresa financeira, fundada em 1975, que capta recursos de anônimos investidores, pessoas físicas e jurídicas, muitas vezes com endereço em paraísos fiscais. Em sua página de publicidade a Vanguarda enfatiza seus investimentos de longo prazo.

Também criam conceitos absolutamente irreais para gestão econômica do Estado, como o superavit fiscal para pagamento de juros, e o “tripé macroeconômico” com a aberração do câmbio flutuante. Durante os governos militares, o câmbio foi fixado conforme os interesses do governo.

Nenhum País Soberano vai se sujeitar a ter um valor importante para sua economia – o câmbio – fixado pelas potências colonizadoras, o que dirá pelo sistema sem face nem endereço, a banca.

Mas a greve revelou à população o escândalo da corrupção que estava sendo cometida contra o patrimônio da Petrobrás, não apenas ao arrepio da

própria lei golpista, mas com seríssimos prejuízos para a Nação.

E os caminhoneiros tiveram o imediato apoio da população e os petroleiros acordaram para defesa de seus empregos, de seus salários, de sua empresa. Professores, fiscais e outras categorias organizadas de trabalhadores, começam a avaliar a greve como defesa do emprego, dos salários e da economia brasileira e, politicamente, contra a corrupção dos golpistas e da Rede Globo – símbolo da mídia antinacional.

O judiciário, golpista de primeira hora, saca um parlamentarismo (por que não monárquico?) como salvação dos empregados da banca, em todos os órgãos públicos: Agências Reguladoras (sic), dirigentes de empresas estatais e fundações públicas, além dos graduados funcionários públicos civis e militares.

Mas o povo, ainda que vítima da pedagogia colonial, começa a desconfiar das “verdades” globais, da corrupção petista, desta economia estranha que vai “uberizando” o trabalho e impossibilitando a aposentadoria.

E os trapalhões, estultos representantes do sistema financeiro internacional, começam a temer pelas suas mordomias, suas benesses, seus ganhos, muitas vezes inexplicáveis, sua ação contra o Brasil Soberano e Justo.

Um tiro no pé de quem nem sabe o que fazer, com todo apoio midiático e financeiro.

Vade retro.

Fonte:

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/o-tiro-no-pe/>

